



III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Olhares diversos sobre a diferença*

26, 27 e 28 de
outubro de 2011
João Pessoa - PB

“CONHEÇA SUA FORÇA”: UM ESTUDO SOBRE A PRÁTICA DA DEFESA PESSOAL FEMINISTA

LORENA LÚCIA CARDOSO MONTEIRO – UFPB
(lorenacmonteiro@gmail.com)¹

LORELEY GOMES GARCIA – UFPB
(loreleygg@gmail.com)²

1. Introdução

O “wen” é a abreviação da palavra *woman* (mulher em inglês) e “do” significa “caminho” em japonês. O Wendo se apresenta como uma defesa pessoal para mulheres ou defesa pessoal feminista para mulheres e lésbicas³, e difere-se da simples defesa pessoal por não se resumir a defesa física.

O Wendo surgiu no Canadá, na década de 1970, através de uma família cujos membros praticavam vários tipos de artes marciais. Ao saberem que uma vizinha tinha sido estuprada e agredida até a morte, as mulheres desta família desenvolveram um conjunto de técnicas rápidas, fáceis e efetivas direcionadas para mulheres como proteção contra possíveis agressões. Técnicas que pudessem ser treinadas entre as mulheres, independente de idade, etnia, situação financeira, constituição física e orientação sexual e pudessem ser usadas facilmente em situações específicas do cotidiano. O grupo ganhou força quando essas mulheres mobilizaram parentes, vizinhas, amigas apresentando-as á defesa pessoal para mulheres.

Desde 1979 o Wendo vem sendo praticado e desenvolvido na Alemanha. Além desse país, hoje existem grupos de Wendo em vários países como Bélgica, França, Áustria e na América-Latina, mais recentemente, no Chile, Argentina, Bolívia e Brasil que hoje conta com cinco grupos nas cidades de Curitiba, Salvador, São Paulo, João Pessoa, e mais recentemente, Brasília, dentre outros que vêm se formando, como Natal e Recife. No

1 Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba.

2 Dra. Sociologia, Pós doutorado em Women’s studies, Profa. Do DCS/UFPB, Visiting Professor na Temple University, Visiting Scholar na Southern Oregon University.

3 Na intenção de dar visibilidade à diversidade de sujeitos, assim como na intenção de formular uma defesa pessoal específica para violências sofridas por lésbicas.



III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Olhares diversos sobre a diferença*

26, 27 e 28 de
outubro de 2011
João Pessoa - PB

Brasil, o Wendo chegou através de uma instrutora alemã, Trude Menrath, que convidou algumas meninas da Bahia para treinarem na Europa, formando assim o primeiro grupo de Wendo do Brasil.

O Wendo é direcionado às violências físicas e psicológicas do dia-a-dia e não se detém apenas a treinos físicos, mas sobretudo, a trabalhar a linguagem corporal e as habilidades psicológicas e verbais. Diz-se feminista quando se mostra como uma resposta e um enfrentamento das mulheres em relação à violência contra essas.

Para as praticantes do Wendo, o fato da luta ser só para mulheres, justifica-se pela representação social da violência de gênero que parte do pressuposto do homem como agressor, como veremos mais adiante quando o tema da violência de gênero é abordado neste artigo. Outra justificativa é que, na sociedade o homem está mais ligado a esportes violentos, técnicas de luta e defesa e a mulher é privada de tais atividades, o Wendo seria um espaço de ressarcimento, um artifício empoderador e, ao mesmo tempo, uma oportunidade de criação de grupos de mulheres, a partir da incitação da solidariedade entre estas. Outra característica do Wendo é que as mulheres que adquirem as técnicas, não podem passar para outras pessoas, sobretudo para homens, tendo em vista que em grande parte dos casos, a violência contra a mulher, parte de dentro de casa, de pessoas mais próximas, familiares e companheiros, o agressor tendo conhecimento sobre as técnicas, diminuiria consideravelmente a eficácia da autodefesa.

Até hoje o Wendo não é uma organização não-governamental (ONG), nem é institucionalizada, é um grupo autônomo, apesar de poder ter ligações com instituições, como por exemplo, na Alemanha, aonde em casos de violência contra a mulher, a polícia chega a indicar os grupos de Wendo às vítimas.

2. Metodologia

A escolha do objeto de pesquisa se deu a partir de uma aproximação prévia entre pesquisador e objeto, referente a um segundo momento da antropologia, do qual nos falava o antropólogo Roberto DaMatta (1974), de tornar o familiar exótico, quando a



III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Olhares diversos sobre a diferença*

26, 27 e 28 de
outubro de 2011
João Pessoa - PB

Antropologia passa a estudar, também, fenômenos urbanos, portanto mais próximos dos estudiosos antropólogos da academia e da cidade. Nesse caso, conto com uma aproximação prévia do objeto de pesquisa de pelo menos dois anos, praticando, participando e observando o fenômeno estudado. Segundo Valdete Boni e Sílvia Jurema Quaresma(2005), a partir do momento em que o pesquisador escolhe o seu objeto, esse objeto já aponta para uma curiosidade ou interrogação prévia sobre o assunto, que de certa forma desmistifica o caráter de neutralidade do pesquisador diante de sua pesquisa.

Outra metodologia de pesquisa adotada trata-se da observação participante, que foi adotada mesmo antes da revisão bibliográfica, durante a escolha do objeto, apenas por último foram feitas as entrevistas formalizadas, semi-estruturadas, dentre outros instrumentos de pesquisa como documentos armazenados pelo grupo, sendo esses: textos, vídeos-debate, fotografias, cartazes, CDs.

Como método de análise, utilizo a Teoria das Representações Sociais. Trata-se de uma escola, assim definido por Freitas (1998), que tem realizado diversas pesquisas nas áreas de atividade humana, com predomínio em educação e saúde (CARVALHO; ARRUDA, 2008). Resumidamente, a teoria das representações sociais abandona a discussão sobre a verdade absoluta extraída externamente ao indivíduo e os paradigmas científicos apoiados em visões de mundo, dicotômicas, incompatíveis que norteiam pesquisas e abordagens excludentes (ARRUDA; CARVALHO 2008, p. 448).

Nesse sentido, a análise dos discursos a respeito de uma prática de luta contra a violência de gênero, possibilita entender os pontos mais abordados a respeito do assunto e assim entender um pouco mais da violência de gênero, ao mesmo tempo, que se compreende mais a respeito das relações de gênero, o que forma e o que mantém essas relações.

3. Representação social do feminismo

Em 1949, Simone de Beauvoir fala a respeito de uma união de mulheres como única saída para a emancipação, a autora cita o exemplo dos negros e judeus que criam



III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Olhares diversos sobre a diferença*

26, 27 e 28 de
outubro de 2011
João Pessoa - PB

grupos e assim, reforçam uma representatividade de certas minorias oprimidas, ela chega a dizer que não há emancipação no caso da mulher por esta estar ao lado do inimigo, no caso o homem.

A união das mulheres em prol da emancipação passa a ser a agenda do movimento feminista e que trazendo como hipótese, pode ter sido incorporada pela agenda do movimento feminista onde nasceu o Wendo, ou onde esse teve mais atenção inicialmente, no caso, na Europa.

Passados 60 anos, a discussão atual a respeito das representações sociais dentro do feminismo e do gênero se modificou. Judith Butler (2008) faz parte de uma corrente desconstrutivista que busca mostrar o caráter performativo do gênero, esse, por sua vez, passa a ser absolutamente fruto de relações sociais, onde mesmo a diferenciação entre os sexos é construída socialmente. Gayle Rubin (1975), nos traz o sistema sexo/gênero quando nos diz que o homem e a mulher não são tão diferentes quanto o sol e a lua ou à noite e o dia, a mulher é, na natureza, o que está mais próximo do homem, mas socialmente é construída a idéia de que a mulher é o contrário do homem, o avesso, ou para usar Beauvoir, “o outro”. Butler vai além quando diz que até a diferenciação entre sexo/gênero é construção social, para a autora não deveria haver nem mesmo esta distinção.

Para ela, o uso da “categoria mulher” pelo movimento feminista, exclui e marginaliza identidades que não se enquadram no modelo sexo-gênero-desejo-identidade, a autora propõe a existência de discursos diversos e performativos que contradizem um sujeito único e instável como o sujeito da “categoria mulher”, instrumento do movimento feminista. Piscitelli (2001) traça um perfil dos estudos de gênero e sugere que o desconstrutivismo relacionado ao gênero compromete a agenda feminista na ausência de um sujeito que requer emancipação, igualdade de direitos e o fim da violência de gênero, por exemplo.

Por outro lado a autora traz, então, uma recriação dessa categoria mulher (dessa vez com maior atenção às especificidades como “mulher negra”, “mulher lésbica”, afim de não



III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Olhares diversos sobre a diferença*

26, 27 e 28 de
outubro de 2011
João Pessoa - PB

promover a marginalização da qual os desconstrutivistas falam), por não achar uma forma de conciliação entre o feminismo pós-moderno e o ativismo político.

Os resultados do levantamento do perfil das praticantes de dois grupos de Wendo da cidade de João Pessoa, apesar de não caberem neste trabalho, permite alguns apontamentos no sentido da apreensão da representação social do feminismo nessa amostra:

A questão sobre o significado do feminismo tem respostas bastante homogêneas e se resumem à quebra do patriarcado, do machismo, do sexismo, luta pelo direito das mulheres e a igualdade entre homens e mulheres, esse último trazendo melhor o caráter relacional das questões de gênero que são relativamente escassas nas falas das entrevistadas. As mulheres estão cientes da necessidade de criação de grupos de mulheres, de discussões entre mulheres e do empoderamento de mulheres, nos fazendo lembrar a idéia de Simone de Beauvoir de uma união de mulheres em prol da emancipação dessa categoria, só que dessa vez, com uma nova roupagem, como acontece na recriação da categoria mulher trazida por Piscitelli (2001).

Através da análise do discurso das informantes dessa pesquisa, vemos que estas são ligadas pela prática do Wendo e a representação social do feminismo parece ser a mesma para elas, a partir da escolha de um feminismo autônomo, muitas vezes ligado às atitudes cotidianas, no lugar de militância partidária ou atividades profissionais, ligadas à ONGs e outras instituições, porém, apesar dessas semelhanças, as percepções das relações de gênero são múltiplas e muitas vezes se chocam.

4. Violência de gênero

As leituras a respeito da violência de gênero, durante a pesquisa, nos remeteu desde a noção de violência interpessoal, no sentido mais individual, bem como os custos da violência de gênero para a sociedade como um todo, o caráter relacional dessa violência, o papel que o movimento feminista vem desempenhando nesse tema, a violência de gênero no Brasil e os desdobramentos existentes até então. Por fim, o surgimento do Wendo como uma nova possibilidade de desdobramento ao que se refere ao combate e a tentativa de



III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Olhares diversos sobre a diferença*

26, 27 e 28 de
outubro de 2011
João Pessoa - PB

erradicação da violência específica de gênero.

Depois de um estudo desse panorama sobre a violência de gênero, procuramos contextualizá-lo com o cenário do grupo estudado, que se torna mais delicado por estar numa região de alto índice de violência, que é o nordeste do Brasil. Todas as entrevistadas dizem ter vivência com situações de violência pessoal ou próximo a elas, algumas falam de violência física causadas pelo sexismo, machismo ou lesbofobia, mas todas falam da violência simbólica cotidiana. A representação da violência para essas mulheres aparece a partir do momento em que algo que elas não querem, não gostam ou não concordam, é imposto em relação a elas, sejam palavras ou ações. A própria percepção da violência é trabalhada no Wendo, ou seja, é proposta da prática que as mulheres delimitem seus espaços e que reconheçam o que é violência para elas.

O caráter relacional da violência aparece poucas vezes no discurso das mulheres, sempre acompanhado de uma justificativa que remete à necessidade do feminismo de lidar com um sujeito fixo de identidade para uma reivindicação de direitos para esse sujeito, assim como nos aponta SARTI, BARBOSA, SUAREZ (2006), quando nos fala da dificuldade da militância de trabalhar com a diversidade da realidade e jogar fora a assimetria estatística existente em seu favor. Em alguns países da Europa, aulas de defesa pessoal com um foco na violência específica de gênero, para meninos e meninas é obrigatória na escola primária, as turmas são separadas e os meninos têm uma aula diferenciada que não conta com técnicas físicas.

De acordo com as entrevistadas, não restam dúvidas que o Wendo combate a violência, tanto no âmbito prático individual como de uma forma mais geral na sociedade.

Sônia, como integrante do movimento de mulheres lésbicas, problematiza e diz que o Wendo desempenha melhor o papel de combate à violência, se associado ao movimento, nesse caso o movimento lésbico feminista e a aproximação com a parte teórica do feminismo.

Já as outras integrantes dos grupos apontam a educação como luta associada ao Wendo nesse combate à violência e outras apontam o Wendo por si só como suficiente.



III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Olhares diversos sobre a diferença*

26, 27 e 28 de
outubro de 2011
João Pessoa - PB

Através da análise dos discursos das praticantes do Wendo, vemos que a necessidade de um combate direto ou o ato de evitar a violência por diversos mecanismos pessoais que não exteriores, pode partir também de uma descrença do sistema institucional e judiciário. Assim como uma descrença nos movimentos de apoio que por vezes pareciam muito teóricos e pouco práticos, para uma defesa efetiva contra a violência, como algo necessário em curto prazo.

Muitos discursos remetem à idéia da insuficiência dos fatores externos a si para uma defesa própria de uma possível violência, ou seja, para as entrevistadas o Wendo traz uma série de dinâmicas que possibilitam as mulheres evitarem a violência, combaterem a violência de gênero, associando ou não ao Wendo práticas mais tradicionais do movimento feminista. O combate à violência de gênero, trazido pelo Wendo, trata-se de uma criação de uma nova postura frente à problemática, além da prática ser uma resposta à insuficiência do poder público de tratar a temática, trazendo uma nova possibilidade horizontal de percepção e combate dessa violência.

As minhas percepções a respeito das mudanças na postura e na atitude das mulheres pesquisadas vão desde o domínio da comunicação, diminuição de timidez, à própria postura física e capacidade de lidar com processos decisórios relativos a problemas cotidianos, como veremos no capítulo sobre os impactos do Wendo na vida das mulheres.

5. Defesa Pessoal Feminista

Treinos de defesa pessoal para mulheres emergiram no começo dos anos 70, paralelamente aos abrigos, linhas telefônicas de ajuda e grupos de auto-ajuda assim como outras inovadoras respostas feministas à violência contra a mulher. A maioria da literatura remete à origem da prática aos Estados Unidos, mas não há dúvida de que um dos primeiros cursos logo se deu na Europa. Apesar de ter-se desenvolvido ao lado de outras práticas feministas contra a violência de gênero e ter agora uma história de quarenta anos, a defesa pessoal feminista é a menos documentada. (SEITH; KELLY, 2003)

Existem diversos cursos e grupos de defesa pessoal para mulheres mundo afora,



III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Olhares diversos sobre a diferença*

26, 27 e 28 de
outubro de 2011
João Pessoa - PB

exemplos mais remotos são dados pelo grupo *Pink Sari Gang* ou *Gulabi Gang*⁴, um grupo de mulheres indianas do distrito de Banda, Estado de Uttar Pradesh, que se vestem sempre de cor-de-rosa e dentre outras ações contra o governo e a polícia local, praticam a defesa pessoal fazendo uso do *lathi*, um tradicional pau indiano, como arma. Dentro do grupo são abordados temas como o casamento infantil, a falta de acesso das mulheres à educação, a corrupção política, distribuição de água, dentre outros. A líder do grupo Sampat Pal Devi diz que tanto o governo como a polícia são corruptas e contra os pobres, por isso elas fazem justiça com as próprias mãos. Idosas da favela de Korogocho, periferia de Nairóbi, capital do Quênia, treinam técnicas de defesa pessoal para se livrarem de frequentes estupros que acontecem na comunidade, segundo o site de notícias *UOL mais*⁵, autoridades dizem que os agressores acreditam que a prática sexual com mulheres mais velhas possa curá-los da AIDS, dar boa sorte ou simplesmente acreditam que as idosas têm menos chance de ter doenças sexualmente transmissíveis. Um grupo americano de defesa dos direitos das mulheres atua na região incentivando e dando aulas de defesa pessoal para as mulheres idosas, para que aprendam a se defender assim como promover um benefício na saúde dessas mulheres, a aluna mais velha do grupo, segundo o site, tem quase cem anos.

6. “Conheça sua força”. O impacto do Wendo na vida das mulheres

A presente pesquisa permitiu uma reflexão acerca do impacto que o Wendo causou à vida das mulheres praticantes, se causou, que tipos de impacto são perceptíveis e se esse causou empoderamento, o que nos possibilitou ter uma idéia do que significa empoderamento para essas mulheres. As definições de empoderamento englobam questões públicas e privadas, individuais e coletivas, de acordo com a definição de Johnson, empoderamento é

[...] ganar una voz, tener movilidad y establecer una presencia pública.

4 <http://news.bbc.co.uk/2/hi/7068875.stm> Acesso em: 27 de maio de 2010 às 23h15

5 <http://mais.uol.com.br/view/65k9fo807g7i/mulheres-quenianas-tem-aulas-de-artes-marciais-0402183568E0C14326?types=A&> Acesso em: 27 de maio de 2010 às 23h59



III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Olhares diversos sobre a diferença*

26, 27 e 28 de
outubro de 2011
João Pessoa - PB

Aun cuando las mujeres pueden empoderarse a sí mismas al obtener algún control sobre los diferentes aspectos de su diario vivir, el empoderamiento también sugiere la necesidad de obtener algún control sobre las estructuras de poder, o de cambiarlas (ROWLANDS, 1997 p.217)

O Wendo se propõe a criar uma nova atitude entre essas mulheres e o que concluímos, tendo em base o que detectamos em campo e observando as falas dessas mulheres, é que essa nova atitude se manifesta, seja no sentimento de segurança, na maneira de falar, na expressão corporal e postura, perda de timidez, maior domínio e capacidade de comunicação, ou no conhecimento da própria força, assim como nos diz a chamada “conheça sua força”, usada pelas praticantes, o que pode ser exemplificado, quando, em observações de campo, uma mulher sai surpresa por encontrar força em um determinado lugar do corpo em que, até então, não sabia que tinha.

Sobre a percepção das praticantes do wendo como uma prática emponderadora, algumas consideram que o empoderamento vem a partir da soma das mulheres, da solidariedade e da troca de vivências e testemunhos estimulados pela prática da autodefesa. A grande maioria dá ênfase no aspecto da elevação da auto-estima e da segurança que passam a ter depois de ter o contato com a prática. O Wendo mostra-se como um artifício para nivelar o sentimento de força e potência entre os gêneros.

7. Considerações finais

Através da pesquisa bibliográfica e da análise do material coletado em campo, se fez possível obter uma série de novos conhecimentos relativos à prática da defesa pessoal feminista, tema relativamente esquecido dentro do leque de ações feministas que combatem a violência, através de grupos representativos do fenômeno estudado. Os roteiros das entrevistas foram elaborados tendo por base hipóteses concebidas no pré-projeto da pesquisa, durante a vivência de campo, sendo possível, portanto, ter uma visão geral do que se conhecia sobre a prática, o que a literatura diz sobre esse fenômeno e, sobretudo, a representação social desta, de acordo com o discurso das entrevistadas.



III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Olhares diversos sobre a diferença*

26, 27 e 28 de
outubro de 2011
João Pessoa - PB

Primeiramente, fica claro que dentro da prática do Wendo, como defesa pessoal para mulheres, o feminismo está intrínseco, a partir do momento em que aborda a questão da violência de gênero e propõe uma postura feminista de combate a essa violência. Dentro do feminismo, a representação social aparece de diversas formas individualmente. Porém, a prática feminista em comum é a do feminismo autônomo e os grupos criados substituem as vivências de partido ou organizações burocráticas.

Dentro dos desdobramentos feministas referentes ao combate à violência de gênero, o Wendo se afasta dos que dizem respeito às ações estatais, jurídicas, dentre outros desdobramentos burocráticos, que, como vimos na abordagem sobre violência de gênero e violência de gênero no Brasil, pode se apresentar como ações verticais que privam os sujeitos de compreensão e ação sobre si. As praticantes do Wendo apresentam descrenças a respeito dos desdobramentos tradicionais em relação à violência de gênero e buscam novas formas de ação em relação a isso, através da prática da autodefesa feminista como forma de autogestão e autoproteção.

Nesse sentido, vê-se a necessidade de tratar a violência de gênero como um fenômeno multidimensional e agregar novas possibilidades ao tratamento desta, como ações e práticas que visem à ação dos sujeitos envolvidos, diretamente. O próprio Wendo trabalha com a representação da violência de gênero e incita as praticantes a entenderem o que, para elas, vem a ser uma violência, de acordo com a delimitação do seu espaço, o que pode ser, ou não, feito ou falado em relação a elas.

A representação social do empoderamento, neste momento, mostra-se diferente da noção de empoderamento que vemos na literatura sobre o assunto, porém a noção de empoderamento usada frequentemente, se encaixa aqui, no sentido do Wendo como um artifício de nivelamento de desigualdades de gênero, através de práticas que busquem dar o poder de barrar algum tipo de ação indesejada aplicada sobre si.

O Wendo se propõe a criar uma nova atitude entre essas mulheres e o que concluímos, tendo em base o que detectamos em campo e observando as falas dessas mulheres, é que essa nova atitude se manifesta, seja no sentimento de segurança, na



III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Olhares diversos sobre a diferença*

26, 27 e 28 de
outubro de 2011
João Pessoa - PB

maneira de falar, na expressão corporal e postura, perda de timidez, maior domínio e capacidade de comunicação, ou no conhecimento da própria força, assim como nos diz a chamada “conheça sua força”, usada pelas praticantes, o que pode ser exemplificado, quando, em observações de campo, uma mulher sai surpresa por encontrar força em um determinado lugar do corpo em que, até então, não sabia que tinha.

Através desse estudo, pudemos detectar uma escassez no que diz respeito ao estudo de uma das esferas do feminismo, que é a prática da defesa pessoal feminista. Como bem observou Martha McCaughey (1997), a defesa pessoal feminista pode ser descrita com o termo de “feminismo físico”, mas nem por isso, é dada a devida atenção e importância que foi dada a outras demandas do movimento feminista que surgiram concomitantemente.

Assim, ficam evidenciados alguns dados e conclusões resultantes desta pesquisa, realizada no ano de 2010, na esperança de contribuir de alguma forma tanto para possíveis interesses de estudo da prática, como para outros interesses que se possa ter na mesma, a partir deste trabalho.

8. Referências Bibliográficas

AUAD, Daniela. **Feminismo**: Que história é essa? - Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BISWAS, Soutik. Jornal BBC News. Artigo: **India's 'pink' vigilante women**. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/7068875.stm>> Acesso em: 27 de maio de 2010.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Segunda edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CARVALHO, João Gilberto da Silva; ARRUDA, Angela. **Teoria das representações**



III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Olhares diversos sobre a diferença*

26, 27 e 28 de
outubro de 2011
João Pessoa - PB

sociais e história: um diálogo necessário. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, Brasil. Paideia, 2008. p.445-456

Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=13359>>. Acesso em: 28 mar. 2010.

DA MATTA, Roberto. **O ofício do Etnólogo ou como ter “Anthropological Blues”**. Museu Nacional, número 1, Setembro, 1974.

DEBERT, Guita Grin; GREGORI, Maria Filomena. Violência e Gênero: Novas Propostas, Velhos Dilemas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 23 n°. 66 fevereiro/2008.

GARCIA, Loreley. Tecendo fios entorno de '*Beyond female masochism*': uma visita às idéias de Frigga Haug. **Revista Caos**, número seis, João Pessoa, março de 2004. Disponível

em:<file:///C:/Documents%20and%20Settings/LORI/Meus%20documentos/monografia/textos/06-garcia.htm>. Acesso em: 17 de junho de 2010.

GARCIA, Loreley; FRANCH, Mônica. **A pimenta e o sonho. Gênero e empreendedorismo na zona rural de João Pessoa**. Editora Universitária da UEPB, Campina Grande, 2008.

GARCÍA-MORENO, Claudia. **La violencia contra la mujer:** Un problema de equidade de género. Trabalho apresentado na reunião “Nuevos desafíos de la responsabilidad política”, Buenos Aires, Argentina, 30 de novembro, 1 e 2 de dezembro de 2001.